

ALBERTO FILIPE ARAÚJO & JOSÉ AUGUSTO RIBEIRO

afaraujo@ie.uminho.pt; jauribeiro@gmail.com

UNIVERSIDADE DO MINHO (PORTUGAL)

O FOGO DE PROMETEU E A SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

RESUMO

Com base na mitocrítica de Gilbert Durand, pretendemos analisar a simbologia da luz e a problemática da comunicação a partir do mito de Prometeu. Enquanto símbolo do projeto civilizador da modernidade, o titã representa a ousadia e a desmesura do ser humano para dominar a natureza através da Técnica (fogo) e pelo exercício do poder da razão (luz natural). Pelo progresso, o ser humano transforma o mundo e o próprio homem, provocando uma espécie de desordem cósmica. A iluminação dos fenómenos pela ação da tecnociência conduziu à “coisificação” do indivíduo e tornou o mundo um lugar frio e hostil. Por sua vez, as tecnologias da informação produziram a sobreinformação e a hipercomunicação, provocando, no indivíduo e na sociedade, fragmentação, confusão e insensibilidade moral: a claridade prometeica cega o ser humano e torna o mundo glacial.

PALAVRAS-CHAVE

Prometeu; técnica; iluminação; rendimento

INTRODUÇÃO¹

A finalidade do nosso trabalho é aplicar a mitocrítica de Gilbert Durand ao contexto sociocultural da pós-modernidade, procurando relacionar a simbólica da luz e a questão da comunicação a partir da figura mítica de Prometeu. À semelhança de Prometeu, o homem moderno pretendeu a sua emancipação e revelou a mesma ousadia e coragem para mudar o mundo,

¹ Esta publicação teve o apoio financeiro da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Lisboa - Portugal) e do programa de financiamento POCH (Programa Operacional Capital Humano): financiamento compartilhado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC (Ministério da Educação e da Ciência - Lisboa - Portugal) (2015-2016).

a sociedade e o indivíduo: o titã expressa simbolicamente o projeto civilizador da modernidade. Esta figura representa o poder do ser humano face à natureza, pois, tal como este desafiou os deuses, também agora o Homem enfrenta o mundo através do poder da Razão (luz natural) e da Técnica (simbolizada pelo fogo), dominando os elementos e modelando tudo à sua imagem. Assim, a Idade Moderna teve o seu desenvolvimento sob o signo de Prometeu, esta figura mítica subjaz à ideologia moderna do domínio da natureza e da busca do progresso através desenvolvimento científico-tecnológico, bem como da necessidade de regularização e previsibilidade, no sentido de instaurar a ordem na nova sociedade. Tal como Prometeu, o homem moderno assume-se como o benfeitor da humanidade e está disposto a desafiar os *deuses* para alcançar os seus objetivos. Através do conhecimento e da ciência, o homem empreende a “instrumentalização” do mundo e reclama o triunfo do princípio da utilidade. A ousadia do conhecimento e a ordenação do mundo e da sociedade conduziram à libertação da natureza e ao advento de um “homem novo”.

A ideologia subjacente ao racionalismo técnico de Prometeu constituiu-se como uma panaceia para todos os problemas humanos. As metas fixadas e as expectativas criadas em nome do progresso e do aumento do bem-estar revelaram, muitas vezes, resultados contraditórios e o fracasso das propostas. A obsessão pela transformação e pelo controlo conduziu a um mundo que muda sem o homem, acabando por se transformar num mundo sem nós. O indivíduo está, pois, condenado a viver como uma coisa num mundo absolutamente dominado pela tecnologia: o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade. As sociedades pós-modernas manifestam, deste modo, decepção, ceticismo e cansaço em relação às promessas prometeicas. Vivemos na época da instantaneidade, onde o poder se tornou extraterritorial e onde tudo é afetado pela fragilidade, em nome de uma maior emancipação e libertação do indivíduo. A nova cultura proporciona ao indivíduo uma infinidade de experiências e o quotidiano passa a ser vivido segundo um *consumo bulímico*, devido à intensificação das ofertas e à circulação alucinante de bens e serviços, bem como ao aumento exponencial da circulação das pessoas, da informação e da comunicação. Assistimos, pois, na contemporaneidade a uma sobressaturação dos sistemas de produção e de comunicação e a uma vertigem pelo rendimento, provocando no homem atual o esgotamento e a fadiga, o titã está cansado e o seu declínio anuncia o crepúsculo civilizacional. O homem torna-se supérfluo e fracassam constantemente as suas tentativas de integrar o mundo. O desequilíbrio provocado pela transformação tecnológica conduziu à construção de um mundo no qual não temos lugar.

O HOMEM PORTADOR DO FOGO

Ao roubar o fogo a Zeus para o dar aos homens, Prometeu revelou a insolência de ultrapassar os limites prescritos pela justa medida e, deste modo, foi castigado com severidade pelo pai dos deuses. A perspectiva de Ésquilo revela a figura de Prometeu como benfeitor da humanidade, indivíduo prudente e refletido, triunfante e desafiador. Esta figura mítica afronta os deuses e transgreda a ordem divina, simbolizando a ousadia e o poder da razão. A intervenção do titã evitou a destruição da raça humana e a geração de uma outra, tal como pretendia Zeus. Assim, a posse do fogo permitiu aos homens a invenção de todas as artes e está na base da civilização, como afirma Prometeu:

Ouvi, porém, as desgraças dos mortais e como eles eram pueris antes de eu os tornar inteligentes e senhores da razão. Quero falar, mas não para censurar os homens, antes para expor em pormenor a benevolência do que lhes dei. A princípio, quando viam, viam falsidades; quando ouviam, não entendiam; e, como as formas dos sonhos, misturavam tudo ao acaso. (Ésquilo, 2001, p. 54)

O fogo simboliza a capacidade humana de pensar, ou seja, a passagem da sombra para a luz, da ignorância para o conhecimento. Na alegoria da caverna, Platão explica como o homem vive na aparência, apenas vê sombras projetadas na parede pela luz de uma fogueira. Para o filósofo, a ideia de Bem é “a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência” (Platão, 1976, p. 321). O homem procura, através do poder simbólico do fogo e do brilho da sua luz, resgatar a existência do sofrimento, da ignorância e da obscuridade. O titã elevou a condição humana entregando o fogo aos mortais, mas cometeu, com a melhor das intenções, uma falta contra a ordem cósmica estabelecida por Zeus. A transgressão de Prometeu estabelece, pois, a criação da consciência e personifica o domínio da natureza, mas assinala irremediavelmente uma desordem de consequências imprevisíveis.

A interpretação mítica da existência humana exalta a importância da posse do fogo para a afirmação do homem no mundo, possibilitando a invenção de recursos, o desenvolvimento da técnica e o discernimento da inteligência. Pela centelha da luz natural o homem está em condições de ultrapassar as preocupações com a sobrevivência e ousar transformar o mundo. A dívida do fogo aos homens, por parte de Prometeu, significa um suplemento de esperança, a partir de agora os mortais estão em condições

de transformar o mundo, construir a civilização e transfigurar a própria comunicação.

Na Oresteia, Ésquilo mostra-nos o alcance dos sinais de fogo quando os gregos se tornaram senhores de Tróia. A Rainha Clitemnestra recebe uma mensagem do seu esposo vitorioso, quase em tempo real, através de “correios de fogo”:

Estes, acendendo uma fogueira de irresistível ímpeto, enviam uma longa barba de chama que, flamejando, transpõe o promontório que domina o estreito de Sarónico, chama que se lança, que chega enfim ao pico Aracneio, a vigia mais perto da nossa cidade. E eis que se abate sobre este teto dos Atridas a luz que busca os seus ascendentes no fogo do Ida. (Ésquilo, 2010, p. 38)

As notícias de Tróia avançam através do fogo, transpondo planícies e montanhas ou caminhando em grandes archotes, de maneira a prenunciar a conquista de Tróia. A luz do fogo anuncia a sua chegada aos vigias e, deste modo, um sinal de Agamémnon, vindo de terras longínquas, alcança o palácio real: o fogo é condutor de boas novas, ele espalha a sua mensagem. Agora, o homem, portador do fogo, passa a ter ascendência sobre a natureza, controla o ambiente que o rodeia e consegue comunicar o seu pensamento.

Mas a transformação do ambiente que o rodeia, através da invenção de meios e de artefactos, determina uma transformação do próprio homem. Marshall McLuhan afirma: “Todos os artefactos do homem, linguagem, leis, ideias, hipóteses, utensílios, vestuário, computadores – são extensões do seu corpo físico”, porém este poder de expansão do homem envolve riscos e consequências que não foram ponderadas. O pensador acrescenta, citando Albert Simeons:

Quando, há cerca de meio milhão de anos, o homem começou muito lentamente a via do avanço cultural, surgiu uma situação totalmente nova. O uso de instrumentos e o controlo do fogo introduziram artefactos de que o córtex podia dispor para subsistir. Estes artefactos não tinham qualquer relação com a organização do corpo e não podiam, portanto ser integrados no funcionamento do tronco cerebral.

A criação de um ambiente artificial para viver conduziu, pois, a um progressivo fosso entre a evolução e a tecnologia, bem como a uma profunda alteração da identidade humana. Daí que a civilização e a humanização

não coincidam neste novo mundo, deste modo, estamos confrontados com questões fundamentais: “Quem somos” e “Para onde vamos?”.

Como Prometeu, o homem moderno pretende a sua libertação e tem de revelar a mesma desmesura e coragem para transformar o mundo. Daí a crença na onnipotência da Razão e no papel da ciência e da tecnologia para alcançar o progresso e o bem-estar. Hannah Arendt chama a atenção para os riscos e os perigos desta utopia: “o progresso científico e as conquistas da técnica serviram para a realização de algo com que todas as eras anteriores sonharam e nenhuma pôde realizar. Mas esse milagre, por milénios esperado, ao realizar o desejo, transforma-se num pesadelo, como sucede nos contos de fada” (1991, p. 12). A ousadia de aceder ao segredo das leis da natureza, de maneira a manipular o mundo e o homem, pode ter consequências imprevisíveis e nefastas. A promessa de libertação envolve riscos de conduzir a humanidade a uma situação dramática, com a progressiva destruição da natureza e a desumanização da existência.

A LUMINOSIDADE PROMETEICA

A posse do fogo simboliza o controlo sobre mundo, pela razão instrumental o homem promove o progresso tecnológico e a sua finalidade é ser “dono e senhor da natureza”, como anunciou Descartes. Todavia, o vertiginoso desenvolvimento da técnica conduziu a um mundo artificial e a uma sociedade automatizada. Neste sentido, Gunther Anders alerta-nos para a existência de um desnível prometeico, ou seja, um desfazamento entre o homem e a progressiva perfeição das máquinas. Daqui resulta uma espécie de humilhação em relação aos aparatos e a consequente “vergonha prometeica”:

Para nós hoje, não existe vestígio que seja tão característico como a nossa incapacidade para estar animicamente “*up to date*”, ao corrente da nossa produção, portanto, para seguir o ritmo de transformação que impomos aos nossos próprios produtos e para nos colocarmos à altura dos aparatos que se nos adiantam ou escapam no futuro. (Anders, 2011, p. 31)

A nossa ilimitada liberdade prometeica para produzir o novo, desordenou a nossa existência enquanto seres temporais, provocando a má consciência de estarmos obsoletos. Para este pensador, importa, pois, questionar não o que fazemos com a técnica, mas sim o que a técnica faz

conosco. Na sua perspetiva, o sujeito da história deixou de ser o homem, para passar a ser a técnica, deste modo, a promessa prometeica anuncia os seus perigos. Todavia, a irrupção desta nova situação ocorreu de forma gradual e quase impercetível, pelo que “a compreensão do destronamento do homem e a entronização da técnica é ofuscada da maneira mais hábil” (2011, p. 280).

Vivemos num mundo onde tudo muda à velocidade da luz e cujo ritmo já não conseguimos acompanhar, não somos capazes de assimilar a quantidade avassaladora de informação, a nossa capacidade de compreensão e as nossas emoções são incapazes de seguir a produção de artefactos ou fluxo avassalador dos acontecimentos. Para Anders, “é inegável que, quanto à força, velocidade e precisão, o homem é inferior aos artefactos, como também os seus desempenhos intelectuais, comparados com os das suas *computing machines*, ficam mal” (2011, p. 47). O homem vive quotidianamente o medo de não acompanhar a passada da máquina. As faculdades humanas como fazer, pensar, imaginar ou sentir têm, cada uma delas, os seus próprios limites e competências, daí que as diferenças entre as capacidades possam crescer de modo desmesurado perdendo de vista a sincronização entre o fazer e o pensar, a consciência e a emoção. Como explica Anders:

Não só o volume do que podemos produzir, fazer ou pensar é maior que o volume do que pode realizar a nossa imaginação ou simplesmente o nosso sentir, mas o volume do fazer e do pensar pode-se ampliar *ad libitum*, enquanto a possibilidade de ampliar a imaginação é incomparavelmente menor; e a do sentir em comparação, parece ser claramente imóvel. (2011, p. 259)

As nossas faculdades não se encontram sincronizadas, existe um desnível entre fazer e sentir e entre saber e compreender. Por isso, as nossas realizações não são devidamente acompanhadas pelas nossas emoções, somos “os seres mais desgarrados, mais desproporcionados em si mesmos e mais inumanos que jamais existiram” (2011, p. 260). A nossa obsessão pelo progresso e pela tecnologia transforma aceleradamente o mundo, mas a vertigem da mudança e do novo não é igualmente acompanhada pela compreensão e pela emoção, que se movem de forma mais lenta e agravam o “desnível prometeico”. A sobressaturação do ambiente que nos rodeia impossibilita a absorção de um mundo que avança a uma velocidade desmesurada, tornamo-nos incapazes de pensar sobre o enorme fluxo que nos assalta e que impede uma verdadeira adaptação às mudanças.

Pressionado pelas máquinas, o homem torna-se menor que ele próprio. Escravo das coisas, o homem torna-se uma “coisa”. Porém, a coisificação da pessoa incapacita a sua compreensão da desumanização crescente: a luminosidade prometeica cega o ser humano.

A VIDA À VELOCIDADE DA LUZ

A sociedade pós-moderna combina uma ânsia desmesurada pelo crescimento e a aceleração do ritmo de vida. Em consequência das exigências do mercado concorrencial e capitalista, o desenvolvimento tecnológico associa-se à competição para produzir. Assim, a modernização e a mecanização confrontam os indivíduos com mudanças profundas no modo como vivem e como comunicam. A propósito das transformações vertiginosas ao nível da tecnologia e da cultura, Marshall McLuhan afirma: “chamei era eletrônica a era pós-mecânica, que começou com o telégrafo. Desde então, o que impulsiona as novas estruturas, já não são rodas e veios (a não ser excepcionalmente), mas a própria luz” (2003, p. 30). Para o pensador, a mudança não só é uma constante da sociedade, como a adaptação à mudança é quase impossível, não existe tempo.

O progresso tecnológico provocou uma revolução ao nível da comunicação e abalou a forma como vivemos e pensamos. Estas transformações resultam da interação entre inúmeros fatores que caracterizam esta era da informação e do conhecimento: “informacionalização, globalização, atividades em rede, construção de identidades, a crise do patriarcalismo e do Estado-nação” (Castells, 2003, p. XXVI). Num mundo interdependente a tecnologia da informação constitui a ferramenta fundamental para toda a reestruturação socioeconómica, dando lugar à sociedade em rede, à economia global e à cultura da virtualidade. O avanço dos sistemas de comunicação, de informação e dos transportes, levou McLuhan a afirmar: “este é o novo mundo da aldeia global” (2008, p. 106). A comunicação eletrônica permite transmitir informações em tempo real, de modo instantâneo, e pessoas e mercadorias deslocam-se a grande velocidade pelo planeta. O tempo e o espaço foram comprimidos e todos os lugares se encontram numa interdependência. Os negócios, as finanças, o comércio e o fluxo de informação, pessoas e bens assumem dimensões planetárias, criando uma sociedade cosmopolita global. Tudo está em movimento a grande velocidade e de modo irreversível.

As mudanças abruptas decorrentes do impacto tecnológico e comunicacional, alteram profundamente a nossa forma de viver, de pensar e de

sentir. Por sua vez, as tecnologias constituem, na perspectiva de McLuhan, “extensões do nosso sistema físico e nervoso para incrementar a força e a velocidade” (2008, p. 104). Deste modo, os meios produzem um enorme impacto sobre as diversas formas sociais, nomeadamente a aceleração e a rutura. Daqui resulta um ritmo frenético de vida e, conseqüentemente, patologias sociais e psicológicas que acarretam um enorme sofrimento humano. A abundância de produtos, a saturação da informação e o ritmo acelerado, provocam distorções graves na relação ente o homem e o mundo. Temos dificuldade em nos apropriarmos das nossas experiências e do nosso tempo: “a subjetividade humana é inevitavelmente descentrada, fracionada, plena de tensões e definida por insolúveis conflitos entre desejos e avaliações” (Rosa, 2012, p. 138). Através da ação da ciência e da técnica, processo civilizacional avança inexoravelmente, iluminado pela luz intensa do facho de Prometeu, mas, por outro lado, o mundo torna-se artificial, silencioso e frio.

A SOCIEDADE DA ILUMINAÇÃO

A sociedade contemporânea da hipercomunicação exige do homem uma iluminação total. Na atualidade a luz deixa de ser mera irradiação, ela atravessa o indivíduo e a sociedade, produzindo a transparência. Como explica Byung-Chul Han, “as coisas tornam-se transparentes quando abandonam qualquer negatividade, quando se alisam e aplanam, quando se inscrevem sem resistência na torrente lisa do capital, da comunicação e da informação” (Han, 2013, p. 11). Para este pensador, a transparência é uma coação sistêmica que se apodera do domínio social e provoca profundas transformações. A sociedade pós-moderna entrega tudo à comunicação e à visibilidade, por via do capitalismo tudo se torna mercadoria e deve ser exposto, vivemos na sociedade do espetáculo.

A contemporaneidade encara a vida humana como aparência. Para Guy Debord, o espetáculo é uma conceção do mundo que se objetivou, estamos confrontados com o monopólio da aparência: “sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante” (2012, p. 10). A vida deixa de ser vivida para ser representada, o indivíduo torna-se um consumidor de ilusões, procura apenas a diversão e o prazer. Por seu lado, a mundialização do capitalismo e a extraordinária revolução tecnológica conduzem a uma cultura global, onde o denominador comum é a imagem e a musicalização. Como explica

Vargas Llosa, este processo sofreu uma forte aceleração com a criação das redes sociais e com a influência da internet: “não só a informação quebrou todas as barreiras e ficou ao alcance de todo o mundo, praticamente todos os domínios da comunicação, da arte, da política, do desporto, da religião, etc., experimentaram os efeitos reformadores do pequeno ecrã” (2012, p. 25). Apesar do grande desenvolvimento científico e tecnológico, o homem contemporâneo sofre uma grande desorientação ao nível existencial, o progresso revela o seu lado obscuro. A revolução digital possibilita a comunicação em rede, a sociedade assiste à proliferação dos blogues, do Twitter, do Facebook, do Skype e de outros sistemas de comunicação, mas a explosão da ordem digital acarreta enormes riscos e consequências negativas ao nível da cultura, da sociedade e do próprio indivíduo.

As novas tecnologias da informação começam a ser alvo de fortes críticas, alguns investigadores, como Nicholas Carr (2011), chamam a atenção para os perigos inerentes ao uso desmesurado destes meios. A luminosa visão associada aos prazeres e benefícios da revolução tecnológica oculta uma parte da realidade que pode ser exploradora, manipulatória e tóxica. A fé na tecnologia, leva as pessoas a acreditarem no seu poder para resolver todos os problemas. Esta espécie de panaceia para os males individuais e sociais impede o questionamento e a crítica, não é, pois, politicamente correto problematizar os efeitos negativos da técnica e, especificamente, as novas redes de informação e comunicação.

A tecnologia digital imprime a hipervelocidade do ritmo de vida, promove a lógica do consumismo e exige do indivíduo um rendimento cada vez maior. Por sua vez, a cultura é trivializada e homogeneizada, aumenta a busca do mero entretenimento e os comportamentos aditivos, somos invadidos pelo acessório e deixamos de pensar naquilo que é essencial. Os meios digitais alteram profundamente a nossa forma de pensar, de agir e de sentir, a sociedade sofre uma enorme fragmentação, o individualismo aumenta e a vida torna-se extremamente acelerada e competitiva. As relações entre as pessoas passam a ser mediadas pela eletrónica e assistimos ao definhamento da privacidade: “o privado agora é público, e pode ser celebrado e consumido por inumeráveis “amigos” e algum outro usuário” (Bauman, 2013, p. 23), tal com acontece com a falta de anonimato no Facebook e outros meios, ligados às redes sociais, que a internet coloca à nossa disposição.

Agora o que conta é a visibilidade, o indivíduo só é relevante se estiver devidamente iluminado através dos meios digitais, ele está obrigado a manifestar constantemente a sua presença e tem de construir uma imagem melhorada de si mesmo, uma identidade virtual, o contacto face a face é

substituído pelo ecrã. A tecnologia transfigurou a comunicação humana: “o que se ressent, como consequência, é a intimidade, a profundidade e a durabilidade da relação e dos vínculos humanos” (2011, p. 27). Paradoxalmente a grande revolução da comunicação humana acaba por comprometer muitos dos aspetos exigidos pela “comunicação real”, como explica Bauman: “a consequência última de tudo isto é que os desafios da comunicação “de eu a tu, de nós a vós” resultam cada vez mais desalentadores e confusos” (2011, p. 46).

O DECLÍNIO DE PROMETEU

Jonathan Franzen, numa conferência em maio de 2011 no *Kenyon College*, afirmou que “vivemos num estranho mundo tecnocapitalista”. Para este escritor o objetivo da tecnologia é substituir o mundo natural, que se revela indiferente aos nossos anseios, por um mundo artificial que se revele um prolongamento do nosso ego. Deste modo, o homem constrói uma realidade virtual, um mundo que lhe obedece e satisfaz todos os desejos. Contudo, esta ânsia de eliminar a resistência do mundo através da utilização das tecnologias digitais acaba por mergulhar o indivíduo numa busca desmesurada de rendimento e de eficiência. Como explica Braudrillard, “a comunicação generalizada e a superinformação ameaça todas as defesas humanas” (1991, p. 72). O ser humano é encarado como uma espécie de máquina de rendimento e o mundo do trabalho torna-se desumano, explora o indivíduo de forma incessante como se de uma coisa se tratasse. A maximização do rendimento conduz à autoexploração da pessoa, que agora exerce pressão sobre si própria interiorizando a responsabilidade pelos fracassos e lutando por empreender iniciativas que apresentem soluções individuais para problemas que são sociais. Deste modo, a pessoa fica esgotada, queimada e cai em depressão. Na perspetiva de Lipovetsky, “o laborioso Prometeu está sem fôlego” (2007, p. 132), a luz do seu facho é uma luz fria e arrepiante.

O indivíduo luta consigo próprio para empreender a ultrapassagem de todos os desafios, obrigado a violentar-se numa autoexploração constante, convencido do seu poder prometeico. O *animal laborans* tornou-se hiperativo e hiperneurótico, e vive numa histeria de rendimento. O esgotamento leva o indivíduo à indiferença e à apatia, o homem torna-se obsoleto num mundo cada vez mais hostil e inumano.

A nossa época já não acredita no sentido da História, por isso sentimo-nos perdidos. O desencanto e a incerteza tomam conta do nosso

quotidiano e, apesar das conquistas realizadas pela ciência e pela técnica, e do incremento da informação e da comunicação, o ser humano está cético e inseguro. A instabilidade em que vivemos leva Lipovetsky a afirmar que estamos perante uma ordem mundial caótica, a desorientação manifesta-se a todos os níveis, desde os abalos incontrollados da economia, passando pelo descrédito na política, até às esferas da vida social ao nível da família, das relações entre as pessoas ou da educação. Aumenta o mal-estar social, cultural e ético e a desordem afeta indivíduos e sociedades. A promessa da modernidade no sentido do planeamento e da ordem, através de um progresso indefinido, revela agora as suas limitações e os seus perigos: Prometeu está cansado.

CONCLUSÃO

A transgressão de Prometeu, o roubo do fogo sagrado, foi realizada para benefício da humanidade e possibilitou o advento da civilização. É a claridade prometeica que permite explicar os fenómenos e vencer os obstáculos, anunciando a emancipação e a libertação. Mas o nosso mundo tecnocientífico enche-nos de terror e, como esclarece Thomas Bernhard, a profunda claridade alcançada pela ciência gela o ser humano, o mundo torna-se indiferente e inóspito: “o frio aumenta com a claridade” (1993, p. 29). O frenesim da tecnologia e da comunicação digital tornaram o próprio homem numa vítima do progresso. Como afirma Nicholas Carr: “tornamo-nos mais científicos, mas também nos fizemos um pouco mais mecânicos” (2011, pp. 253-254). A coisificação do homem exige o máximo de rendimento, mas o desnível entre o ser humano e máquina provoca cansaço e esgotamento. Perante os novos meios, os elementos humanos são considerados antiquados. Quando a internet nos faculta tudo, de modo imediato e sem esforço, a imaginação e a criatividade tornam-se qualidades arcaicas. Por seu lado, a hipercomunicação gera fragmentação e dispersão, obstaculizando a concentração, a profundidade e a crítica. A sobreinformação torna o esforço supérfluo e provoca uma progressiva insensibilidade moral. A luminosidade prometeica cega o ser humano, arrefece a sociedade e torna o mundo glacial: a sociedade pós-moderna anuncia a obsolescência do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anders, G. (2011). *La Obsolescencia Del Hombre (Vol.I) Sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial*. Valencia: Pre-Textos.
- Bauman, Z. (2011). *44 Cartas desde el mundo líquido*. Barcelona: Paidós.
- Bauman, Z. & Donskis, L. (2015). *Cegueira moral. La perdida de sensibilidade en la modernidad líquida*. Barcelona: Paidós.
- Bauman, Z. & Lyon, D. (2013). *Vigilancia líquida*. Barcelona: Paidós.
- Baudrillard, J. (1991). *La transparência del mal. Ensayo sobre los fenómenos extremos*. Barcelona: Anagrama.
- Bernhard, T. (1993). *Trevas*. Lisboa: Hiena.
- Carr, N. (2011). *Superficiales. Qué está haciendo Internet com nuestras mentes?* Madrid: Taurus.
- Castells, M. (2004). *A galáxia internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Debord, G. (2012). *A sociedade do espectáculo*. Lisboa: Antígona.
- Ésquilo (2001). *Prometeu Agrilhado*. Lisboa: Edições 70.
- Ésquilo (2010). *Oresteia*. Lisboa: Edições 70.
- Han, B.-C. (2012). *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder.
- Han, B.-C. (2013). *La sociedad de la transparencia*. Barcelona: Herder.
- Hannah, A. (1991). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Hannah, A. (2014). *Sobre a Violência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Llosa, M. V. (2012). *A civilização do espectáculo*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Kerényi, K. (2011). *Imágenes Primigenias de la Religión Griega IV. Prometeo. Interpretación Griega de la Existencia Humana*. Madrid: Sextopiso.
- Mcluhan, M. (2008). *Compreender os Meios de Comunicação. Extensões do Homem*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Platão (1976). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rosa, H. (2012). *Aliénation et accélération. Vers une théorie critique de la modernité tardive*. Paris: La Découverte.